



GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

ISSN 2177-3688

A PRAXIOLOGIA DE ROUBAKINE: UMA LEITURA EPISTEMOLÓGICO-CRÍTICA

RUBAKIN'S PRAXIOLOGY: AN EPISTEMOLOGICAL-CRITICAL READING

Amanda Salomão – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) /
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Gustavo Silva Saldanha - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) /
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A pesquisa objetiva discutir a contribuição de uma epistemologia do campo biblioteconômico-informacional para o enfrentamento às desigualdades e opressões através da praxiologia roubakiniana. A proposta nasce de investigações sobre o pensamento do epistemólogo Nicolas Roubakine (Rubakin, 1862-1946) em Biblioteconomia e Ciência da Informação, com ênfase para as considerações do teórico russo sobre o potencial da práxis bibliotecária, pela via do que denominou como Bibliopsicologia, para a luta contra as injustiças sociais, corrente epistemológica de forte influência no Leste Europeu e no pensamento francês em Ciência da Informação, de Paul Otlet à Robert Estivals. O estudo percorre um caminho teórico-metodológico que engloba pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa e delimitação bibliográfica e historiográfica pré-estruturada na doxografia roubakiniana. O *corpus* central é baseado na obra-síntese *Introduction à la psychologie bibliologique*, publicada em 1922. Via uma epistemologia histórica em Biblioteconomia e Ciência da Informação, a pesquisa tem como resultado a reinterpretação das teorias de Nicolas Roubakine sobre a Bibliopsicologia e as concepções de sua ciência que evidenciam horizontes potenciais de transformação social através de ações biblioteconômicas em bibliotecas públicas, concebendo uma filosofia da práxis na virada dos séculos XIX e XX.

Palavras-chave: Epistemologia da Ciência da Informação; Nicolas Roubakine; Teoria crítica; Filosofia da práxis.

Abstract: The research aims to discuss the contribution of an Library and Informational Science epistemology to face inequalities and oppression through the Rubakinian praxeology. The proposal is born from investigations into the thinking of Nicholas Rubakin (1862-1946) in Library and Information Science, with emphasis on the considerations of the Russian theorist on the potential of librarian praxis, through what he called Bibliopsychology, for the fight against social injustices, epistemological current of strong influence in Eastern Europe and in French thought in Information Science, from Paul Otlet to Robert Estivals. The study follows a theoretical-methodological path that encompasses exploratory research, with a qualitative approach and pre-structured bibliographical and historiographical delimitation in the Rubakinian doxography. The research *corpus* is based on the work *Introduction à la psychologie bibliologique*, published in 1922. Via a historical epistemology in Library and Information Science, the research results in the reinterpretation of Nicolas Rubakin's theories on Bibliopsychology and the conceptions of his science that show potential horizons of social change through librarianship actions in public libraries, conceiving a philosophy of praxis at the turn of the 19th and 20th centuries.

Keywords: Information Science Epistemology; Nicholas Rubakin; Critical theory; Philosophy of praxis.

1 INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS REFLEXÕES SOBRE OS EMBATES DO CONHECIMENTO REGISTRADO

Na véspera de sua emigração para a Suíça, Roubakine pediu a democratização das bibliotecas, desde a aquisição e desenvolvimento de coleções até a classificação e serviços oferecidos às pessoas leitoras, a fim de facilitar integralmente o objetivo de autoinstrução das massas (STUART, 1998, p. 432, tradução nossa).

Esta reflexão tem como objetivo discutir a contribuição de uma epistemologia do campo biblioteconômico-informacional para o enfrentamento às desigualdades e opressões através da praxiologia roubakiniana. A proposta nasce de investigações sobre o pensamento de Nicolas Roubakine (Rubakin, 1862-1946) em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), com ênfase para as considerações do teórico russo sobre o potencial da práxis bibliotecária, pela via do que denominou como Bibliopsicologia, para a luta contra as injustiças sociais, corrente epistemológica de forte influência no Leste Europeu e no pensamento francófono em BCI, de Paul Otlet (1934) à Robert Estivals (1987) entre os anos 1960 e 2010. Aqui, compreendemos as bibliotecas, sobretudo as públicas, a partir da centenária crítica social roubakiniana, como *loci* de apropriação de saberes e reflexões críticas voltadas para as possibilidades de transformação social via ações biblioteconômicas. Como veremos, o ponto de vista roubakiniano remonta o conceito de práxis marxiana interpretado no campo biblioteconômico-informacional por Targino (1997), ou seja, uma práxis profissional orientada por um papel revolucionário social, antecipando os questionamentos socioepistemológicos otletianos e a teoria sociocrítica da obra estivalsiana nos últimos cinquenta anos.

Entre Rússia e Suíça, na virada do século XIX até meados do XX, Roubakine, bibliotecário, escritor, bibliógrafo, editor e teórico, dedicou sua vida à luta contra as formas de desigualdade e opressão manifestadas no e através do conhecimento registrado. No cenário dos acontecimentos sócio-históricos de seu tempo, como o regime czarista russo e a efervescência política e intelectual que daria forma, anos depois, às revoluções de 1905 e 1917 no país, o bibliotecário tentou demonstrar de que forma a Bibliopsicologia, ciência voltada para o estudo dos fenômenos psicológicos relativos ao livro e seus efeitos na humanidade, poderia descortinar possibilidades de luta pela popularização da ciência, instrução das classes populares e seus direitos de acesso aos livros, à leitura e às bibliotecas.

O presente estudo percorre um caminho teórico-metodológico que engloba pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa e delimitação bibliográfica e historiográfica pré-estruturada nas fontes da tradição da doxografia roubakiniana, a saber: Thaïs Lindstrom (1959) e Alfred Senn (1977), desenvolvidas em áreas fronteiriças, mas que posicionam os aportes bibliopsicológicos em seu espaço-tempo; e, mais especificamente em BCI, nos estudos sobre as bibliotecas públicas e os atos de leitura, trazemos Sylva Simsova (1977), Mary Stuart (1998) e Elsa Ramírez Leyva (2007). O objeto político e social presente na trajetória de construção da BCI é dado a partir de Gustavo Saldanha (2019a, 2019b, 2020) e sua concepção do campo, sob uma vertente crítica, como território dialético atravessado por disputas em torno dos processos do conhecimento registrado. Desdobra-se, aqui, a compreensão praxiológica da experiência social do campo biblioteconômico-informacional demonstrada em Maria das Graças Targino (1997), que pode ser encontrada na tradição aberta pelas lentes revolucionárias roubakinianas, porém ausente tanto na sistemática targiniana como na exaustiva revisão teórico-social do papel das bibliotecas, de fundo ocidental (exceptuando-se o pensamento rangathaniano) de Susana Mueller (1984).

Via uma epistemologia histórica em BCI, a pesquisa se volta para a interpretação das teorias de Nicolas Roubakine sobre a Bibliopsicologia e as concepções de sua ciência que evidenciam horizontes potenciais praxiológicos a partir de ações em bibliotecas públicas. O *corpus* central é baseado na obra-síntese das ideias roubakinianas, *Introduction à la psychologie bibliologique*, publicada em 1922 e reeditada em 1998 pela *Association Internationale de Bibliologie*, e o texto do teórico com Maria Bethmann, de 1937, originalmente parte do livro *Mission sociale et intellectuelle des bibliothèques populaires*, e incluído, em inglês, na obra editada por Simsova (1968), sendo essa a versão aqui utilizada.

2 RECONHECENDO UMA TRAJETÓRIA CRÍTICO-EPISTEMOLÓGICA EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Na introdução de *Nicholas Rubakin and bibliopsychology*, obra editada em 1968 pela bibliotecária tcheca Sylva Simsova, que aborda a ciência inaugurada pelo pensador russo, D. J. Foskett (1968) comenta a centralidade de seu trabalho a partir de seu enfoque nos livros e bibliotecas como instrumentos fundamentais para o desenvolvimento humano - percurso teórico-empírico consolidado por Roubakine na obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, de 1922, e, para os propósitos de nossa reflexão, no trabalho de 1937, *The*

psychology of the public library, escrito em coautoria com sua então assistente Maria Bethmann a partir de um olhar centrado no trabalho bibliotecário no âmbito das bibliotecas públicas e seus fundamentos sociais e psicológicos.

Particularmente, o autor britânico destaca a participação de Roubakine na luta pelo direito de acesso ao conhecimento como condição para a liberdade intelectual - poderíamos dizer, acesso aos meios para o desenvolvimento das capacidades de pensar o mundo de forma crítica e reflexiva, no qual os saberes e todos os processos que envolvem sua apropriação e uso na realidade social sobressaem como essenciais para o exercício da cidadania e para o alcance de uma sociedade orientada pelos preceitos da justiça social. Nesse sentido, a posição de Foskett (1968) sugere que as bibliotecas deveriam atuar na mesma direção apontada por Roubakine: o enfoque na democratização do acesso; do contrário, esses espaços poderiam se tornar meras máquinas fornecedoras de mercadorias.

Aqui, podemos observar que a concepção do autor, voltada para uma visão das bibliotecas à luz de seus contornos sociais, está posicionada nos anos 1960, contexto inicial dos esforços de Sylva Simsova, então radicada na Inglaterra, em estudar e disseminar a teoria roubakiniana na literatura especializada em Biblioteconomia via atuação como pesquisadora e docente na Escola de Biblioteconomia da *Polytechnic of North London* (SALOMÃO; SALDANHA, 2022).

No mesmo ano de publicação da obra editada por Simsova, Borko (1968) publicaria o artigo *Information Science: what is it?*, cunhando uma definição de CI que se tornaria clássica e repousaria como uma das mais legitimadas nos estudos informacionais, influenciando as discussões que dariam forma a um dos modelos de fundamentação epistemológica que, segundo diversas linhas de investigação, é considerada como teoria fundadora do campo (SALDANHA, 2020). No ano seguinte, Merta (1969), pesquisador soviético considerado por Pinheiro (2022) como um dos que mais acentuam os aspectos sociais da informação, apresentaria em seu *Informatics as a branch of Science* uma visão da CI para além das atividades de coleta, processamento e disseminação, enfocando as intenções de quem comunica e seus impactos no receptor à luz de uma lógica psicológica e social - ainda que em um contexto não pragmático, mas, sim, científico-tecnológico de uso da informação.

Essa fase de discussões, que perduraria, conforme Saldanha (2020), até a década de 1980, acompanha o marco temporal do desenrolar da produção simsoviana sobre o pensamento de Roubakine entre os anos de 1966 a 1987, tecida sob o olhar do Leste Europeu

e correspondendo a mais de vinte anos de pesquisas em BCI com foco na leitura e seus fundamentos sociopsicológicos (SALOMÃO; SALDANHA, 2022), do mesmo modo que acompanha a formação da epistemologia marxiana do campo a partir do pensamento da esquematologia de Estivals (1987). Poderíamos recuar um pouco mais na trajetória de construção do campo, recuperando a própria teoria roubakiniana enfatizada, neste estudo, nos trabalhos de 1922 e 1937, que antecedem essas produções e se colocam como praticamente contemporâneas à Paul Otlet (1934) e seu *Tratado de Documentação* (influenciado objetivamente pelo trabalho epistemológico e metodológico de Roubakine), de 1934, indicando aproximações teóricas e metodológicas com a bibliologia otletiana (ESTIVALS, 1998; SALDANHA, 2019a). Ainda, da epistemologia social de Jesse Shera e Margaret Egan, de 1952, voltada para os processos de informação à luz de seu tecido social (FURNER, 2002).

Para além das propostas dos estudos ditos fundacionais, como os de Borko (1968), interpretados no campo a partir de uma abordagem tecnicista e objetiva, de cunho positivista (SALDANHA, 2020), e os de Merta (1969) que, apesar de voltados para os contornos sociais da CI (PINHEIRO, 2022), não exploram sua via pragmática, esse breve percurso epistemológico, aqui traçado em razão da proximidade temporal das produções dessas autorias, evoca o reconhecimento de indagações em BCI - ainda na década de 1960 e, antes, no início do século XX - acerca das repercussões das ações informacionais no mundo social, sustentadas por investigações, como demonstrado pelos esforços de Roubakine, sobre o sujeito leitor e seus modos de apropriar e utilizar informação. Nessa interpretação, seguindo Foskett (1968), a informação não seria somente um objeto transmitido de um ponto ao outro, desprovido de sentidos e significações, mas, antes, ferramenta de luta pela transformação social.

3 NICOLAS ROUBAKINE CLAMA POR UMA BIBLIOTECONOMIA REVOLUCIONÁRIA: DESVELANDO A PRAXIOLOGIA EM NOSSO FAZER HISTÓRICO

"Uma biblioteca deve ser uma arma da sociedade na luta por um futuro melhor e servir não somente para a disseminação de conhecimento científico, como também para ajudar a desenvolver uma atitude crítica face à realidade" (LINDSTROM, 1959, p. 133, tradução nossa). A citação de Lindstrom (1959), retirada de um discurso de Roubakine de 1907 em São Petersburgo, nos chama atenção para uma das noções mais caras ao pensamento roubakiniano: a luta pela transformação social pela via do livro, da leitura e das bibliotecas,

isto é, sua fundamentação praxiológica, como lembrado por Targino (1997), no diálogo entre a teoria crítica marxiana e a atuação da experiência bibliotecária na realidade social.

Na biografia de Roubakine, Senn (1977) nos lembra que uma das paixões do bibliotecário - que orientou toda sua vida e seu trabalho - era o potencial de instrução e reflexão que os livros poderiam trazer para as massas populares, sobretudo os grupos sociais mais afetados pelas mazelas causadas pelo sistema capitalista. O teórico encorajava a educação em suas mais diferentes formas, seja através das universidades, das bibliotecas ou da autoinstrução, concentrando seus esforços em sujeitos que, embora afastados das condições de desenvolvimento intelectual, tenham demonstrado, ou poderiam vir a demonstrar, interesse na leitura.

Desse modo, de acordo com Ferrière (1951), Senn (1977) e Ramírez Leyva (2007), a orientação central de todo o percurso roubakiniano está no potencial da instrução popular - nesse olhar, mediada pela leitura e ação bibliotecária - como ferramenta para as tomadas de consciência e libertação das massas trabalhadoras; caminho que poderia ser percorrido a partir da criação e organização de bibliotecas, estas, consideradas como um "reflexo impresso de todo conhecimento humano já registrado" (RUBAKIN, 1909, p. 20¹ *apud* LINDSTROM, 1959, p. 131, tradução nossa).

Para Stuart (1998), no contexto de luta pela democratização das bibliotecas públicas na Rússia nas décadas de 1880 e 1890, estaria dado, aí, o objetivo fim de todo trabalho em bibliotecas: possibilitar às camadas populares condições de desenvolvimento crítico pela via do acesso ao livro e à leitura. Poderíamos dizer que tratar-se-ia de prover meios para o esclarecimento dos grupos sociais mais atingidos pelas desigualdades impostas, naquele espaço-tempo, pelo império do czar, de modo que pudessem, ali, reconhecer seus interesses e perceberem a realidade em sua totalidade: "ensinados a ler e providos de uma quantidade suficiente de livros adequados, pessoas camponesas e trabalhadoras poderiam tomar seu lugar como cidadãos" (STUART, 1998, p. 425, tradução nossa).

Importante observar que a concepção colocada pela pesquisadora, endossada pela trajetória pessoal e profissional de Roubakine, nos desloca para o lugar de onde o teórico nos fala: a Rússia czarista nas últimas décadas do século XIX ao início do XX - contexto demarcado por repressões políticas e desigualdades sociais. Sua atuação como escritor de obras voltadas

¹ RUBAKIN, Nikolai. **Krug znaniy** [Círculo do conhecimento]. St. Peterburg: [s. n.], 1909.

para a popularização do conhecimento científico é perpassada pela censura, e a biblioteca herdada de sua mãe em São Petersburgo, na qual trabalhou desde os treze anos, se torna fornecedora de materiais para a instrução popular e *locus* de discussões que, mais tarde, integrariam o cenário intelectual que inspirou a Revolução Russa de 1917 (SENN, 1977).

Resultado de mais de trinta anos de pesquisa teórico-empírica, a Bibliopsicologia, ciência desenvolvida por Roubakine entre as décadas de 1890 a 1920, está voltada para as relações entre livros, sujeitos e seu meio social. A Bibliopsicologia se preocupa em investigar o objeto lido a partir dos fenômenos psíquicos e impactos da leitura naquele que lê, à luz de seus contextos e subjetividades, sendo entendida por Lasso de La Vega (1947) e Estivals (1998) como o estudo da influência da palavra verbal na mentalidade dos indivíduos, ou, ainda, a busca pelo sujeito por trás do objeto (SALDANHA, 2019a).

A leitura emerge como uma experiência, uma práxis, transcorrida em um espaço-tempo demarcado por condicionantes internas (do sujeito) e externas (do contexto), que se encontram em constante interação e são evocadas de forma consciente ou inconsciente durante os atos de ler. Nesse olhar, o livro transcende sua concepção como objeto material que propicia tão somente a decodificação de signos linguísticos para alcançar sua aplicação na realidade social, sendo entendido como tudo aquilo que pode ser lido, independentemente de seu suporte e manifestação; segundo Saldanha (2019a), qualquer registro do conhecimento, toda palavra que pode agir sobre a humanidade - o discurso, a escrita, a conversação, a imagem. No horizonte bibliopsicológico, como nos indica Roubakine (1998) e a articulação de sua teoria dada por Lasso de La Vega (1947), Simsova (1977) e Ramírez Leyva (2007), o livro como artefato propulsor de pensamentos, sensações psicológicas, físicas e emocionais, cujas realidades criadas em torno dessas experiências são particulares e frutos da posição do sujeito no mundo, simbolizando sua relação e a própria leitura do real.

4 A PRÁXIS BIBLIOTECÁRIA NO HORIZONTE BIBLIOPSIOLÓGICO

No centro das reflexões explicitadas até aqui, estão posicionadas as formas pelas quais a práxis bibliotecária se encontra fortemente comprometida com as condicionantes históricas, sociais e políticas de seu tempo, o que coloca as bibliotecas públicas como parte de uma estrutura voltada para o atendimento e serviço às camadas sociais mais necessitadas. Nesse contexto, a noção de bibliotecas públicas emerge, na visão de Rubakin e Bethmann (1968), como *loci* de exercício de cidadania e compreensão do mundo a partir do acesso ao livro e à

leitura, possibilitado e mediado pelas atividades biblioteconômicas. As ideias sobre sua democratização se dariam não só a partir do direito de todos e todas em utilizar esses espaços, mas também e, sobretudo, das oportunidades e meios para que esses sujeitos possam utilizar as bibliotecas em todo seu potencial de transformação.

Roubakine clamaria então pela necessidade de construção de bibliotecas e acervos ancorados nos propósitos de instrução e popularização científica, acreditando que isso contribuiria para o entendimento sobre o mundo:

Esses livros devem oferecer ao sujeito leitor uma compreensão da realidade, de seu entorno e de tudo o que existe; e, com isso, o valor do trabalho e da solidariedade - os quais devem estar na base da democracia contemporânea, do socialismo e do comunismo (RUBAKIN, 1927, p. 6² *apud* ANDREWS, 1989, p. 12).

Essa concepção coloca o indivíduo como objetivo-fim de toda ação informacional. Ainda segundo Rubakin e Bethmann (1968), o trabalho em bibliotecas deve ser orientado *por* e *para* a pessoa usuária - no léxico roubakiniano, para o leitor: “As funções sociais de uma biblioteca pública são determinadas, *em primeiro lugar, pelas atividades subjetivas do sujeito leitor e seus objetivos particulares*” (RUBAKIN; BETHMANN, 1968, p. 9, tradução nossa, grifo das autorias). Foco de toda tessitura bibliopsicológica: tudo para o leitor, pelo leitor, no leitor, ou, ainda, o leitor é tudo.

Com base nessa orientação, as noções desenvolvidas por Rubakin e Bethmann (1968) sobre as atividades biblioteconômicas são colocadas à luz da própria estrutura positivista do método bibliopsicológico, orientada por análises quanti-qualitativas do comportamento do indivíduo durante as experiências de leitura e seus modos de apropriação de saberes, embora articuladas em um contexto pragmático de aplicação - segundo Saldanha (2019a), em um projeto político de transformação do mundo. No trabalho de 1937, sobressaem especificamente considerações relacionadas ao catálogo, à classificação de livros e leitores, à seleção de acervo, à pessoa bibliotecária - isto é, todos os processos que envolvem a procura pelo livro exato para os objetivos, interesses e características psicológicas daquele que lê.

Para a Bibliopsicologia, significa adentrar a alma humana, alcançar princípios sociais, éticos e morais que, segundo Roubakine (1998), encontram-se latentes no íntimo de cada sujeito e constituem instrumentos para as tomadas de consciência coletiva:

² RUBAKIN, Nikolai. Kak pisat' nauchnye knizhki dlia chitatelia [Como escrever livros científicos para o leitor]. *Kniga i profsoiuzy*, n. 2, 1927.

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

A pessoa bibliotecária deve ajudar os leitores a se tornarem conscientes de seu papel social, das raízes mais profundas de sua existência. Deve fornecer bases sólidas para suas vivências, um conjunto definido de critérios para seus julgamentos. [...] Para isso, esse profissional tem em suas mãos a ferramenta mais poderosa, a maior alavanca que a civilização humana já produziu: o livro (RUBAKIN; BETHMANN, 1968, p. 24-25, tradução nossa).

Em um primeiro olhar, nos parece interessante evocar um ponto lembrado por Rubakin e Bethmann (1968) que constituiria, para as autorias, um dos princípios fundamentais para a investigação do comportamento psicológico dos sujeitos leitores: a primazia da realidade subjetiva no meio social. Os indivíduos vivenciam o real de formas distintas, razão pela qual não só a apreensão e interpretação dos signos linguísticos que integram essa realidade - materialmente, do objeto lido e, simbolicamente, do mundo -, como também a busca por conhecimento, a maneira em que as demandas são apresentadas e atendidas pela pessoa bibliotecária (esta, também posicionada de maneira específica no real), são dadas a partir de significações também particulares.

Para Ferrière (1951), as atividades que envolvem os estudos de usuários e serviços de referência devem ser orientadas para a análise e compreensão dos contextos e subjetividades desses indivíduos, obtidos a partir da aplicação de questionários que contemplem diferentes aspectos de suas vivências, ou, conforme já mencionado por Saldanha (2019a), categorias sociais complexas, como: meio social em que vive, nível de instrução, ocupação, livros lidos e as reações a eles, autorias, temáticas e áreas do conhecimento de interesse e-ou maior facilidade/dificuldade, se e como se dá a busca por materiais de leitura.

Tal procura está ancorada, segundo Rubakin e Bethmann (1968), em bases biológicas, antropológicas, sociais e psicológicas, estas duas últimas, interesse da Bibliopsicologia. Os critérios metodológicos são estabelecidos, por sua vez, a partir do estímulo de estados mentais que possibilitem a compreensão dos impactos de um texto naquele que lê, ou seja, condições sob as quais o sujeito pode perceber como o processo de leitura age sobre sua estrutura psíquica (SALDANHA, 2019a). Alguns exemplos, conforme Ferrière (1951): dedutivos e indutivos; analíticos e sintéticos; teóricos e práticos; abstratos e concretos; idealistas e realistas; emotivos e não emotivos; subjetivos e objetivos. Lindstrom (1959) recupera mais quatro grupos: semiletrados, alfabetizados, cultos e especialistas.

Todos esses critérios nos apontam que as pessoas bibliotecárias, ao investigarem as pessoas usuárias do conhecimento registrado à luz de suas bases psicológicas e sociais, teriam mais subsídios para compreender suas demandas da forma mais exata possível, para que

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

possam, a partir daí, recuperar obras que correspondam às suas necessidades, contextos e características mentais (qual linguagem, autoria, abordagem, suporte, formato?). Poderíamos ir além, sugerindo, conforme nos diz Ferrière (1951) e Roubakine (1998), que esse método de classificação de pessoas leitoras contribuiria, mais precisamente, para a descoberta de aptidões, interesses e tendências - em muitas vezes, inconscientes -, como os já mencionados posicionamentos éticos, morais, sociais e políticos.

Nessa abordagem, isso significa dizer que o acervo de uma biblioteca deve representar, com precisão, a realidade social de seu espaço-tempo, enfoque que nos direcionará para a centralidade do uso e circulação de livros na teoria roubakiniana (LINDSTROM, 1959; SIMSOVA, 1977), o que influenciaria, segundo a pesquisadora tcheca, em toda sua proposta de formação e desenvolvimento de coleções. Para Rubakin e Bethmann (1968, p. 15, tradução nossa), "O livro não faz o seu trabalho parado na estante" - noção também amplamente discutida em outro lugar, na Índia da década de 1930, por Ranganathan (2009) e suas cinco leis da Biblioteconomia, em especial a primeira: "os livros são para o uso".

Por esse motivo, o foco central desta práxis está na seleção e aquisição de obras que dialoguem com o momento histórico vigente e, ao mesmo tempo, sob a influência dos objetivos de instrução popular e divulgação científica, sirvam como uma enciclopédia do conhecimento sobre e para todas as ciências - aqui, a biblioteca como um reflexo de toda produção de conhecimento humano já registrado, conforme antes observado. Em outros termos, trata-se de compor uma coleção voltada para a diversidade de temáticas, níveis de instrução, autorias e materiais de leitura; um acervo que contemple todos os pontos de vista, que alcance as mais diferentes pessoas usuárias a partir de uma linguagem simplificada que facilite sua apropriação pelos indivíduos mais afastados das condições de desenvolvimento intelectual (ANDREWS, 1989).

Mais uma vez, tal posicionamento está dado sob as influências positivistas que regem o método bibliopsicológico não somente no que se refere à formação de uma coleção capaz de abarcar "o universo como um todo" (RUBAKIN; BETHMANN, 1968, p. 22, tradução nossa), como também no que poderia ser entendido como uma atuação aparentemente neutra do profissional bibliotecário. Este deveria, segundo Rubakin e Bethmann (1968), adotar uma postura dita imparcial nos processos de seleção, respeitando as necessidades subjetivas das pessoas usuárias e não incorrendo em atos de censura e negligência sobre temáticas e-ou autorias em razão de opiniões pessoais - postura que repercutiria negativamente na

comunidade bibliotecária e intelectual do período revolucionário russo por acreditar que Roubakine estaria incentivando, no campo biblioteconômico, posições apolíticas e acríicas (RAMÍREZ LEYVA, 2007).

Em nossa interpretação, apesar de uma pretensa imparcialidade postulada pela estrutura metodológica da Bibliopsicologia - e da compreensão de que o profissional bibliotecário é um ser social e, por isso, a impossibilidade de uma postura isenta nos processos de seleção - a proposta roubakiniana nos parece longe de ser desprovida de elementos críticos, sociais e políticos. Seus aportes nos sugerem as potencialidades de reflexões e tomadas de consciência ensejadas pela práxis bibliotecária, sobretudo ao uso dos livros como forma de refutar naturalizações do real (RUBAKIN; BETHMANN, 1968).

Uma postura crítica frente ao acervo das bibliotecas e, em sentido amplo, ao mundo, poderia ser igualmente dada a partir das atividades de representação, metarrepresentação - aqui, os catálogos e bibliografias - e organização do conhecimento. Na abordagem bibliopsicológica, os princípios que regem esses processos estão voltados, antes de tudo, para a disponibilização irrestrita desses materiais - foco do que Rubakin e Bethmann (1968) colocam como ferramentas fundamentais para a democratização das bibliotecas: a catalogação e classificação. Estas, poderíamos dizer, a partir da construção de técnicas e instrumentos que deem conta de representar o real, a diversidade das pessoas usuárias do conhecimento registrado, seus contextos, níveis de instrução e tipos psicológicos, as variedades de assuntos e pontos de vista.

A partir do exposto, podemos dizer que a práxis bibliotecária investigada pela via bibliopsicológica está centrada no e para o sujeito e sua apropriação crítica da leitura. No bojo das opressões que influenciaram toda a trajetória do teórico russo, Rubakin e Bethmann (1968) clamariam, mais uma vez, pela necessidade de não somente equipar as bibliotecas com um acervo, técnicas e práticas orientadas para a reflexão crítica de mundo, mas também pela luta, em diferentes instâncias, por condições de desenvolvimento crítico das pessoas usuárias que frequentam - ou poderiam frequentar - esses espaços. Isto é, pela democratização dos processos de conhecimento diante de uma realidade atravessada por embates políticos em suas construções de acesso - novamente, o objetivo da Bibliopsicologia estaria em suas potencialidades de tomadas de consciência, ou seja, aqui, a ação bibliotecária orientada por uma praxiologia em BCI fruto da já centenária reflexão roubakiniana (SALDANHA, 2019b).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM FUNDAMENTO PRAXIOLÓGICO EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Conforme discutido ao longo deste estudo, toda a trajetória teórico-empírica de Roubakine, desenvolvida a partir das lentes do nosso campo, está dada por e para as condições de leitura das massas contra as injustiças sociais. No contexto de luta revolucionária contra o império czarista - mas poderíamos aqui evocar quaisquer outros cenários de opressão que dialogam com a teoria roubakiniana e suas possibilidades de emancipação - o teórico clamou por uma dedicação do povo russo em nome das camadas oprimidas, as quais, segundo ele, tinham grande desejo de ler e aprender: desses estratos surgiria uma nova força, um potencial de destruição das noções que integram o que entendia como um regime decrépito, desastroso para todas as pessoas trabalhadoras, para alcançar, então, a (re)construção de um futuro melhor (RUBAKIN, 1912³ *apud* SENN, 1977, p. 18). Se partirmos, por exemplo, da interpretação crítica de Targino (1997) sob o olhar marxiano da pessoa bibliotecária como agente social, percebemos que a obra roubakiniana une de Marx a Paulo Freire na relação circular entre reflexão e ação, constituindo-se, a epistemologia de Roubakine, como integrante de uma filosofia da práxis.

Na historiografia epistemológica em BCI, o estudo roubakiniano sobre o gesto leitor e suas formas de transformação da realidade nos coloca, por outro lado, diante de aplicações e conceitos que antecipam algumas teorias tratadas no campo (lembremos: a epistemologia social de Shera e Egan de 1952, os estudos cognitivos da década de 1970), mas que destacam, já ali, nas três primeiras décadas do século XX, uma preocupação com o sujeito e suas ações informacionais na paisagem social. A ciência roubakiniana, aqui voltada para as bibliotecas públicas, desvela o próprio comprometimento do campo com uma ação bibliotecária capaz de intervir na realidade social - a necessidade de um olhar sociocrítico, via lentes do campo, para aqueles que sofrem com as mazelas causadas pelo capitalismo, o que nos revela, segundo Saldanha (2019a, p. 18), a Bibliopsicologia diante da "[...] construção não só de uma ciência social dedicada aos futuros estudos tratados como informacionais, mas também uma ciência social crítica da realidade e de seus modos de transformação."

A procura epistemológica de Roubakine em sua Bibliopsicologia, a partir das lentes da BCI, estaria dada pelas relações entre livros e leitores diante de uma realidade socialmente

³ RUBAKIN, Nikolai. *Pered rassvetom* [Antes do amanhecer]. St. Petersburg: [s. n.], 1912. p. 79-91.

tecida, orientada por e para uma práxis, conforme Saldanha (2019b), que influencia e é influenciada pela leitura. Na paisagem aqui investigada, toda a teoria roubakiniana está colocada, para nós, no centro das discussões sobre uma possível epistemologia histórica dos atos de leitura em nosso campo, perpassando o horizonte Rússia-Suíça a partir de Roubakine (1998), entre 1890 e 1920, o decurso de investigação com Maria Bethmann na década de 1930, toda a produção simsoviana sobre leitura e bibliotecas sob o olhar do Leste Europeu nos anos de 1960 a 1980 (SALOMÃO; SALDANHA, 2022) - em concomitância com os próprios estudos informacionais, a partir de 1970, que envolvem o sujeito e sua introjeção de conhecimento por uma via cognitiva (SALDANHA, 2019a, 2019b) - até alcançar as pesquisas sobre o gesto leitor no século XXI: a teleologia dos estudos sobre a leitura, nesse olhar, estaria dada à luz de sua concepção enquanto desvelamento e transformação de mundo, e as atividades informacionais e bibliotecárias, por sua vez, no centro de uma fundamentação social, política, histórica e psicológica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às pessoas bibliotecárias que, ao nos possibilitar o acesso à parte da produção roubakiniana e sobre Nicolas Roubakine, contribuíram para a realização deste trabalho.

FINANCIAMENTO

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

REFERÊNCIAS

ANDREWS, James. N. A. Rubakin and the popularization of science in the post-october period. **Russian History**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 9-29, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24657663>. Acesso em: 04 fev. 2023.

BORKO, Harold. Information science: what is it? **American Documentation**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 23 jan. 2023.

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

ESTIVALS, Robert. Preface. *In*: ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998. v. 1. p. 3-5.

ESTIVALS, Robert. **La bibliologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

FERRIÈRE, Adolphe. A psicologia bibliológica de Nicolas Roubakine. **Boletim Bibliográfico da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo**, São Paulo, v. XVIII, p. 49-56, 1951.

FOSKETT, Douglas John. Introduction. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968. p. 7-8.

FURNER, Jonathan. Shera's social epistemology recast as psychological bibliology. **Social Epistemology: a journal of knowledge, culture and policy**, v. 16, n. 1, p. 5-22, 2002. DOI 10.1080/02691720210132761. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02691720210132761>. Acesso em: 15 fev. 2023.

LASSO DE LA VEGA, Javier J. P. La bibliopsicología. *In*: LASSO DE LA VEGA, Javier J. P. **Como se hace una tesis doctoral**. San Sebastián: Editora Internacional, 1947. p. 121-124.

LINDSTROM, Thaïs, 1959. N. A. Rubakin: architect of popular enlightenment. **The Slavic and East European Journal**, v. 3, n. 2, p. 122-136, 1959. DOI: <https://doi.org/10.2307/304573>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/304573>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MERTA, Augustin. Informatics as a branch of science. *In*: INTERNATIONAL FEDERATION FOR DOCUMENTATION. Committee on Research on the Theoretical Basis of Information. **On theoretical problems of Informatics**. Moscou: ALL-Union for Scientific and Technical Information, 1969. FID 435. p. 32-40.

MUELLER, Susana P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação da função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36462>. Acesso em: 28 jun. 2023.

OTLET, Paul. **Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Ciência da Informação e sociedade: uma relação delicada entre a fome de saber e de viver. *In*: SALDANHA, Gustavo Silva; CASTRO, Paulo César; PIMENTA, Ricardo (org.). **Ciência da Informação: sociedade, crítica e inovação**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. p. 171-185. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1227>. Acesso em: 03 fev. 2023.

RAMÍREZ LEYVA, Elsa M. Más de cien años de estudio de los lectores. *In*: MARTÍNEZ ARELLANO, Filiberto F.; CALVA GONZÁLEZ, Juan José (comp.). **Tópicos de investigación en Bibliotecología y sobre la Información**. Ciudad de México: UNAM, 2007. p. 41-90. Disponível em: https://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L57. Acesso em: 14 fev. 2023.

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

RANGANATHAN, Shiyali R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, v. 1, 1998.

RUBAKIN, Nicholas; BETHMANN, Maria. The psychology of the public library. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968. p. 9-25.

RUBAKIN, Nikolai. **Krug znanij** [Círculo do conhecimento]. St. Peterburg: [s. n.], 1909.

RUBAKIN, Nikolai. Kak pisat' nauchnye knizhki dlia chitatelia [Como escrever livros científicos para o leitor]. **Kniga i profsoiuzy**, n. 2, 1927.

RUBAKIN, Nikolai. **Pered rassvetom** [Antes do amanhecer]. St. Petersburg: [s. n.], 1912. p. 79-91.

SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 1-24, 2019a. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/477>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SALDANHA, Gustavo Silva. Sem e cem teorias críticas em ciência da informação: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo; SALDANHA, Gustavo Silva. **iKritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019b. p. 171-240.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Ciência da Informação: crítica epistemológica e historiográfica**. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1101>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo S. A teoria da leitura nas vidas de Sylva Simsova: reflexões biobibliográficas, 2022. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais** [...] Porto Alegre: Ancib; UFRGS, 2022. p. 1-13. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiiencib/paper/view/1052>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SENN, Alfred Erich. **Nicholas Rubakin: a life for books**. Massachusetts: Oriental Research Partners, 1977.

SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968.

SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin. *In*: HARRIS, Gordon (ed.). **Four studies in Soviet Librarianship**. London: Library Association, 1977. p. 7-18.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

STUART, Mary. 'The ennobling illusion': the public library movement in late Imperial Russia. **The Slavonic and East European Review**, [s.l.], v. 76, n. 3, p. 401-440, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4212684>. Acesso em: 18 nov. 2022.

TARGINO, Maria das Graças. Praxis bibliotecária. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 26-33, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/352>. Acesso em: 25 jun. 2023.